



O trabalho da mulher do campo a partir da perspectiva da educação ambiental

Denise Lenise Machado¹

Alice Poche Gabriel²

João Pedro Capeleto Massia³

Resumo: A mulher, desde as sociedades antigas, foi marginalizada, tratada como inferior, de domínio masculino, sem acesso ao conhecimento, considerada incapaz de raciocinar e participar de esferas sociais, políticas e intelectuais. Neste sentido, o presente trabalho tem por objetivo refletir sobre a sociedade moderna e o papel da mulher na perspectiva da educação ambiental. Dando ênfase ao trabalho realizado pela mulher do campo, ao verificar sua contribuição na busca de uma sociedade mais igualitária a partir da equidade de gênero, e desta forma, busca-se alternativas para a conscientização da sociedade sobre o desenvolvimento sustentável. Afirma-se que o papel desempenhado pela mulher vai muito além do ser mãe e dona de casa, sendo detentora de diversos conhecimentos e protagonista em diversas lutas elencadas pela sociedade.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Mulher; Trabalho.

The work of rural women from the perspective of environmental education

Abstract: The woman, since former societies, was marginalized, treated as inferior, of male domination, without access to knowledge, considered unable of ratiocinate and participate in social, political or intelectual spheres. In this sense, the work aims to think about the modern society and the women's role from the environmental education perspective. Giving emphasis the work realized by the woman in rural area, checking his contribution in the search of a more egalitarian society from gender equity, thus looking-for alternatives to awareness of society about sustainable development. It is states that the role performed by the woman is bigger than be a mother or a housewife, being the owner of knowledge and protagonist in various struggles highlighted by society.

Keywords: Environmental education; Woman; Job.

¹Estudante de Geografia. Universidade Federal de Santa Maria. Agência Financiadora: Capes. E-mail: denisegeomachado@gmail.com

²Estudante de Geografia. Universidade Federal de Santa Maria. Agência Financiadora: Capes. E-mail: alicepoche@gmail.com

³Estudante de Geografia. Universidade Federal de Santa Maria. Agência Financiadora: Fipe. E-mail: jp_capeleto@hotmail.com

El trabajo de la mujer del campo desde la perspectiva de la educación ambiental

Resumen: La mujer, desde las sociedades antiguas, fue marginada, tratada como inferior, de dominio masculino, sin acceso al conocimiento, considerada incapaz de raciocinar y participar de esferas sociales, políticas e intelectuales. En este sentido, el presente trabajo tiene por objetivo reflexionar sobre la sociedad moderna y el papel de la mujer en la perspectiva de la educación ambiental. Dando énfasis al trabajo realizado por la mujer del campo, al verificar su contribución en la búsqueda de una sociedad más igualitaria a partir de la equidad de género, y de esta forma, se buscan alternativas para la concientización de la sociedad sobre el desarrollo sostenible. Se afirma que el papel desempeñado por la mujer va mucho más allá del ser madre y ama de casa, siendo poseedora de diversos conocimientos y protagonista en diversas luchas enumeradas por la sociedad.

Palabras clave: Educación ambiental; las mujeres; Trabajo.

1. Introdução

A construção da sociedade moderna está amplamente centrada na busca do conhecimento, dominação e exploração da natureza. Esta busca incessante tem marcos registrados na história da humanidade. Com René Descartes e seu livro intitulado *Discurso sobre o método*, a sociedade moderna passa a ter outra visão de mundo. A dualidade surge, a ciência passa a ser a única forma de conhecimento, a razão prevalece, a mente se torna superior e a frase “penso, logo existo” se difunde e ganha proporções de destaque.

Desta forma, toda prudência construída na organização das sociedades durante a Idade Média, a maneira de se enxergar a humanidade e encontrar as explicações que envolviam os mistérios do mundo na sua origem, dá lugar para a audácia, dá lugar para o corajoso desbravador. A busca por novos territórios e o desejo de explorar começa a se intensificar. Desvendar os mistérios além mar se faz necessário para a garantia da verdade. As grandes navegações começam suas expedições na busca do novo, do desconhecido.

Do sistema feudal para o sistema mercantil, para o sistema capitalista industrial chegando ao meio técnico científico informacional muitas mudanças ocorreram, tanto para “beneficiar” a sociedade como para distanciar as dualidades existentes (estabelecidas a partir da ciência moderna) entre corpo e mente, razão e emoção, ricos e pobres, direita e esquerda, brancos e negros, homossexuais e heterossexuais, homens e mulheres.

As relações estabelecidas com o ambiente, na constituição das formas de poder e dominação, na busca de recursos que sejam ilimitados para produção, circulação e acumulação de bens e capitais tem a predominância da figura masculina. A mulher e seu papel na sociedade é comparada com a “mãe” natureza, com seus ciclos e sua primordial função como provedora da vida, logo, podendo ser dominada e explorada pelo homem.

Assim, são eles os responsáveis pelas decisões e pelo comando dos espaços e das relações estabelecidas, contribuindo para uma sociedade culturalmente machista, patriarcalista e conservadora.

As dualidades existentes são reflexos de uma sociedade capitalista com profunda crise de percepção. Crise de pensamentos e valores que requer uma mudança significativa na forma de perceber a sociedade e o meio ambiente. É necessário quebrar paradigmas, buscar novas alternativas de sentir e viver o mundo. Entender que a vida é um sistema e depende fortemente da natureza, que a humanidade é fruto das relações estabelecidas a partir das trocas com o meio e que deve-se deixar para as futuras gerações um mundo com menos desigualdades e com melhores condições de sobrevivência. Estes são objetivos que ainda há necessidade de luta e resistência para alcançar.

Neste contexto, a educação ambiental surge como elo de ligação entre sociedade e natureza, buscando na educação a reflexão, a criticidade para compreender, as cicatrizes da exploração exagerada da natureza. Exploração a qual é perceptível até os dias atuais. A reflexão se torna necessária sobre as práticas sociais, pois no contexto marcado pela degradação permanente do meio ambiente e do seu ecossistema, a qual a sociedade está inserida, a ideia antropocêntrica ainda é fortemente difundida.

A perspectiva ambiental se caracteriza pelo uso dos recursos limitados da natureza de forma inteligente e sustentável. Pensando no bem estar social da atual geração, mas das gerações futuras. Deste modo, pensar sustentavelmente é poder satisfazer as necessidades presentes sem limitar as necessidades das gerações que ainda estão por vir. Sem distinção racial, social, cultural, econômica, religiosa, ideologia, de gênero, enfim, com equidade para todas as pessoas do planeta.

Desta forma, o presente trabalho tem por objetivo refletir sobre a sociedade moderna e suas formas de viver e sentir o mundo a partir da educação ambiental. Dando ênfase ao trabalho realizado pela mulher do campo, ao verificar suas contribuições na busca de uma sociedade mais igualitária a partir da equidade de gênero. Visa, também, buscar alternativas para a conscientização da sociedade sobre o desenvolvimento sustentável e o papel desempenhado pela mulher, indo muito além do papel de mãe e dona de casa, sendo ela detentora de diversos conhecimentos e protagonista em diversas lutas elencadas pela sociedade.

Como procedimento metodológico foi realizado uma ampla leitura sobre os principais temas norteadores deste trabalho para possível compreensão da fundamental importância do papel exercido pela mulher. Especificamente a mulher do campo.

Buscando, a partir de uma análise bibliográfica, refletir sobre a construção dos valores da sociedade moderna, com a criticidade necessária para compreender a necessidade da equidade de gênero para que se possa pensar em um mundo que prioriza o desenvolvimento sustentável. Entendendo que a educação ambiental venha a colaborar com a discussão sobre gênero e o trabalho feminino no campo.

2. Educação ambiental e o trabalho da mulher do campo

As mulheres desde as sociedades antigas sempre foram marginalizadas, sendo tratadas como seres inferiores, de domínio masculino, sem acesso ao conhecimento, destinado somente a homens, e, consideradas como incapazes de raciocinar e participar de esferas sociais, políticas e intelectuais. Eram destinadas ao lar e a procriação, servindo aos desejos do homem.

A educação destinada às mulheres, na era moderna (tão ilustre com seus grandes pensadores e com a inserção da ciência), deveria ser restrita ao ambiente doméstico, pois segundo Rousseau (Gaspari, 2003) elas não deveriam ir em busca do saber pois era contrário à sua natureza. Pensamento contraditório aos ideais iluministas, pois uma sociedade que lutava tanto pela liberdade do indivíduo pregava que a mulher deveria simplesmente fazer parte dela, não como cidadã, mas como mãe, guardiã dos bons costumes e valores, e como seres a serviço do homem.

Este pensamento influenciou outros filósofos na ideia de inferioridade feminina, pois entendia-se que o homem tinha total responsabilidade de manter a mulher sob seu domínio, como posse de seu poder, uma propriedade que deveria ser muito bem controlada. Nietzsche (1992) em sua concepção definiu “cabeça oca” os homens que apoiassem a emancipação feminina, pois considerava o ponto alto para a regressão da mulher e sua desfeminização.

Exemplos claros do patriarcalismo são percebidos até os dias atuais, onde ainda é passado a ideia de que homens são superiores às mulheres. A eles todo o mundo a elas o limite. Condições adotadas antes mesmo do nascimento e intensamente percebidas no cotidiano, sendo reflexo de uma sociedade culturalmente machista e conservadora.

No campo brasileiro, essa valorização da figura masculina, é percebida nos mais diversos meios: da agricultura camponesa ao agronegócio. Sendo que a mulher é tida como inferior ao homem, assim como em muitas áreas da sociedade, sendo desvalorizada como

trabalhadora, ocupando o posto de ajudante do trabalho desenvolvido na propriedade agrícola.

Desta forma, erroneamente, o homem obteve um papel de destaque em relação a mulher, mesmo que ela desenvolva atividades relevantes para a manutenção do bem estar da vida social da comunidade. Na maioria das vezes, é vista apenas como “dona de casa” e auxiliar ao trabalho desenvolvido na propriedade agrícola. Sendo, muitas vezes, seu trabalho, não reconhecido e vinculado com a renda familiar, com a desculpa de não gerar valor econômico e social, dificultando o acesso às políticas públicas e reafirmando a tradicional divisão sexual do trabalho (MELO,2002, p.01-14).

Ainda há dificuldade de cooperação e de contribuição masculina quando se trata dos afazeres domésticos e educação dos filhos, estas atividades se estabelecem como obrigações femininas. Assim, nesse contexto, a divisão do trabalho se configura da seguinte forma: ao homem pertence a capacidade do trabalho na produção agrícola, a posse da terra, a fonte de renda; a mulher compete o auxílio na lavoura, a educação dos filhos e afazeres domésticos.

Nestas circunstâncias, ao se discutir a relevância do papel exercido pela mulher na sociedade, a educação ambiental surge como meio de reflexão, buscando a partir da educação, alternativas para minimizar, ou mesmo solucionar as cicatrizes da exploração exagerada dos recursos naturais. Ao qual a mulher é vista como parte diretamente ligada, ao ser comparada com a natureza, com seu poder de provedora da vida, com seus ciclos, de certa forma vinculados com os ciclos da “mãe” natureza, e conseqüentemente, sendo submissa e dominada pela figura masculina.

O espaço e o conhecimento feminino ainda se encontram delimitados, fazendo parte do outro lado da linha, o lado ao qual a ciência ocidental, racional, antropocêntrica e com a figura masculina como protagonista não está presente. Pois, o conhecimento que não esteja atrelado a estes elementos pertence ao outro lado, o lado dos saberes tradicionais, aos saberes populares. Estes desconsiderados como conhecimento porque não são capazes de se legitimar ou negar sua veracidade. Conforme Santos (2007, p.71-94) “Do outro lado não há conhecimento real; existem crenças, opiniões, magia, idolatria, entendimentos intuitivos ou subjetivos, que na melhor das hipóteses podem se tornar objeto ou matéria-prima de investigações científicas”.

Desta forma, o espaço e conhecimento feminino, desde a antiguidade, é subjugado pela sociedade, um exemplo claro é a acusação referente a bruxaria, designada às mulheres que detinham os saberes referentes à natureza e estabeleciam uma conexão com o meio,

construindo o conhecimento a partir das relações e das trocas com a natureza. Assim, as mulheres carregam, historicamente, o peso de ser vistas com “maus olhos”, de forma equivocada, perseguidas, acusadas, maltratadas e mortas. Sendo incessante a luta pela ruptura do paradigma do pensamento abissal, estabelecido pela sociedade moderna ocidental, pelo reconhecimento dos povos e saberes tradicionais, bem como pela valorização feminina na sociedade.

Concorda-se com o pensamento de Figueiró (2011), quando o mesmo salienta que é necessário promover um reencontro da sociedade (homens e mulheres) com ela mesma e com a natureza, pois somente esta será a garantia da permanência e fonte da vida. E para que a mesma seja garantida, com as mínimas necessidades realizadas, deve-se ter em mente que as mulheres, da mesma forma que os homens, têm papel fundamental para o desenvolvimento endógeno das mais diversas populações do planeta.

Entende-se por desenvolvimento endógeno aquele que não estabelece somente a economia e o PIB de um país como forma de garantia de uma vida de qualidade para sua população. Mas sim, o desenvolvimento que esteja atrelado a emancipação e autonomia da população local para decidir sobre a melhor forma de produzir e comercializar suas matérias primas. Onde a população aja conjuntamente em prol da melhoria das condições necessárias para a vida, sabendo que somente haverá mudança com a cooperação de toda comunidade.

Deste modo, o desenvolvimento endógeno tem por objetivo que toda a população desfrute de uma vida longa e saudável, que tenha o direito ao conhecimento e acesso aos recursos necessários para alcançar um padrão de vida decente. Nesta mesma linha de pensamento, Mas Herrera (2005, p.31) afirma,

Lo endógeno se revela como poder innato para ser y crear. Pero ese poder transformacional sólo puede aparecer o emanar desde algo o alguien, sea ese alguien una cosa, una persona, una comunidad, una región o un país entero, la sociedad como totalidad. Lo Endógeno remite al poder transformacional que expone capacidad para vincular fines, medios y personas de todas partes [...]

Salienta-se, que a maior problemática da civilização moderna técnico científico informacional é talvez o de não ter percebido sua dependência a natureza. Sua libertação ainda não é total e, provavelmente, nunca será. Pois não é possível produzir artificialmente todas as formas de vida, bem como, o oxigênio necessário a manutenção da composição atmosférica, nem toda a matéria orgânica necessária a seu próprio consumo. Não é possível

manter, sem a participação de todos os elementos que compõem o sistema Terra, os ciclos naturais necessários para manutenção da vida (BRANCO, 1988).

Cabe ainda aqui salientar que, erradamente, a visão antropocêntrica do universo, não admite, que a humanidade é parte integrante da natureza e na medida em que deseja dominá-la torna-se vítima de seu próprio imperialismo. Contribuindo de forma significativa para linearidade do pensamento que envolve as questões referentes ao meio ambiente. Intensificando a ideia de elementos isolados na natureza, não percebendo que tudo está interligado e interdependente.

Desta forma, pode se afirmar, que a trabalhadora rural tem a capacidade de contribuir com a mudança do pensamento linear, pois ao carregar consigo elementos vinculados com respeito e a afetividade a terra, contribui para desenvolvimento de uma sociedade mais perceptiva, justa e igualitária. Sendo que, no seu cotidiano os elementos utilizados para estabelecer as relações com o meio vão muito além do produzir e comercializar. E mesmo sem ter o conhecimento científico, entende os limites da natureza e busca estabelecer outras formas de cultivo, respeitando a terra e suas fragilidades, seus ciclos, seu sistema e suas mensagens frente a todas modificações ocorridas mais intensivamente nos últimos séculos.

Assim, as modificações ocorridas são percebidas no cotidiano da humanidade, alterando o meio ambiente e o pensamento da sociedade. Riscos motivados pelo capital financeiro na busca incessante de acumulação de riquezas, cegando a massa trabalhadora e direcionando-a uma sociedade global de risco (Beck,1999). Pregando o individualismo, o egocentrismo, a acumulação de bens materiais, a busca desesperada pelo querer mais, a uma sociedade que vive de aparências e esquece de se enxergar no outro, esquece da reciprocidade, da empatia. O importante não é ser, é ter. De acordo com Branco (1988, p.6),

A verdadeira incompatibilidade, porém, está situada entre a preservação do meio ambiente e o acúmulo privilegiado de riquezas e não entre aquela e o desenvolvimento, pois o desenvolvimento de uma nação não faz amontoado de riquezas: desenvolvimento é tudo o que traz a felicidade a um povo, e não será feliz o povo que tiver suas matas destruídas, sua paisagem alterada, sua saúde comprometida.

Neste sentido, a camponesa tende a se tornar uma fonte de sabedoria, seus ensinamentos tradicionais passados as demais gerações são a garantia do respeito a terra e de sua utilização inteligente. Percebendo que o desenvolvimento está atrelado ao bem estar da população, a saúde de qualidade, a felicidade, as mínimas necessidades realizadas, ao

encontro com a natureza. O Buen Vivir (Acosta, 2012) se apresenta como uma oportunidade para construir coletivamente novas formas de vida. Mas, é necessário compreender que este pensamento não é uma fórmula mágica pronta, com todas as respostas para solução dos problemas enfrentados pela sociedade global. E sim, é parte de uma grande busca de alternativas de vida forjadas no calor das lutas da humanidade pela emancipação e pela vida. Conforme Acosta (2012, p. 198-216),

A tarefa de reconstrução/construção do Buen Vivir é, portanto, descolonizadora (e despatriarcalizadora, é claro). Estabelece definitivamente uma cosmovisão diferente da ocidental ao surgir de raízes comunitárias não capitalistas. Rompe igualmente com as lógicas antropocêntricas do capitalismo como civilização dominante e também dos diversos socialismos realmente existentes até agora.

Deve-se pensar a natureza e sociedade como um sistema, onde a sociedade é um nó entre vários nós que se interligam formando uma rede. Rede de relações, de valores, de trocas. Formando o meio em que vivem milhares de espécies mutuamente dependentes umas das outras. Interferindo diariamente na vida de todos os seres. Desde o local ao global, se transformando em um sistema de informações compartilhadas com todas as formas de vida, uma interligada a outra.

Esta rede pode ser comparada a uma teia, a teia da vida de Capra (1996). No qual o autor enfatiza que as relações estabelecidas são sistêmicas. A natureza é um sistema que se retroalimenta, dependendo de todo os organismos para sua organização. Uma visão de mundo holística, que concebe o mundo como um todo integrado, e não como uma coleção de partes dissociadas.

Neste processo, da busca de uma auto-organização, que venha a contribuir para o desenvolvimento das populações do planeta, é necessário trazer a esta discussão, já anteriormente citado, a figura feminina. Deste modo, na relação do ser humano com o meio ambiente, para além das dimensões: biológica, social, política e econômica, presentes na questão ambiental, também se insere nesta discussão, com o mesmo grau de importância - o gênero e as relações por ele engendradas. Por sua vez, os gêneros masculino e feminino se relacionam de forma distinta com o ambiente e fazem uso diversificado dos recursos naturais (CIOMMO, 1999).

A partir do século XX, surge o movimento feminista, na busca da emancipação da mulher, do reconhecimento de seu papel relevante para a sociedade, na busca de igualdade de direitos entre os gêneros, o respeito ao corpo e a mente. Espalhando-se pelo mundo, vem como força de resistência e luta contra o patriarcado. Nesta mesma linha de

pensamento, surge o ecofeminismo como uma alternativa de luta contra a dominação cultural e social do patriarcado sobre a mulher e a natureza. Sendo que as ecofeministas vêem essa dominação e exploração muito além das formas já estabelecidas pelo feminismo, pois salientam que esta forma de explorar e dominar é o protótipo de todas as formas de dominação: hierárquica, capitalista e industrialista.

Assim, se torna visível, que a exploração da natureza, em particular, tem marchado de mãos dadas com a das mulheres, que têm sido identificadas com a natureza através dos séculos. Essa antiga associação entre mulher e natureza liga a história das mulheres com a história do meio ambiente, e é a fonte de um parentesco natural entre feminismo e ecologia. Conseqüentemente, os ecofeministas vêem o conhecimento vivencial feminino como uma das fontes principais de uma visão ecológica da realidade (CAPRA, 1996).

A luta diária protagonizada pelas mulheres fez com que elas pudessem se inserir na sociedade de forma mais significativa e atuante, o que possibilitou ser protagonista de sua própria vida enxergando novas possibilidades para o seu próprio desenvolvimento tanto no meio social, como também, de sua família e comunidade. Dessa forma, a invisibilidade imposta culturalmente sobre elas aos poucos perde espaço e gradativamente passam a operar de forma mais significativa, ganhando voz e sendo ouvidas, circulando nos mais diversos setores das esferas política, econômica e da sociedade.

Pensar sistemicamente, de forma holística a natureza e a sociedade só é possível com a inserção de toda população, incluindo-se mulheres, trabalhadoras do campo, de forma a dar voz a elas, com intuito de buscar alternativas para o melhoramento das relações estabelecidas com o meio natural. Como forças impulsionadoras de atratores externos os movimentos de luta são essenciais para a mudança linear do pensamento abissal, do senso comum, de entender que reduzindo a velocidade do navio não é certeza de escapar do colapso. Que a sociedade só poderá sobreviver e manter as futuras gerações a partir da cooperação entre os povos.

3. Considerações Finais

Apesar de todos os desafios e adversidades impostos, as trabalhadoras tendem a permanecer na luta, desafiando um sistema hegemonicamente patriarcal e capitalista, que acabam por explorá-las e reprimi-las, seguindo determinadas e confiantes em seus ideais. Surpreendem pelo seu conhecimento e capacidade dentro do movimento, por sua ousadia em suas falas e palavras de ordem e principalmente pela busca incessante por sua liberdade

e emancipação. Proporcionando uma mudança, apesar de difícil e lenta, necessária para a transformação das relações existentes dentro do âmbito dos movimentos ao qual pertencem, contribuindo para construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Nos movimentos sociais que ocorrem na sociedade, na discussão sobre o meio ambiente, sobre as desigualdades, existentes a partir da forte dualidade estabelecida pelo sistema capitalista da sociedade ocidental moderna, a mulher exerce funções fundamentais, não somente voltadas à reprodução da vida doméstica e produção econômica. Elas buscam a participação efetiva na tomada de decisões, através da cooperação, dando visibilidade a todos os membros da comunidade. Articulam-se quanto mulher e cidadã, tornando-se líderes, vindo com forças que contribuam para uma educação transformadora, trabalhando conjuntamente com o grupo em prol do reconhecimento do movimento e para o desenvolvimento sustentável da agricultura familiar.

Portanto, conclui-se que a figura feminina é essencial para a compreensão de que é necessário a construção e transformação da sociedade a partir da educação. Buscando na educação ambiental, na ecologia, no ecofeminismo o entendimento do sistema Terra. Sendo possível encontrar alternativas para a exploração exagerada dos recursos naturais. Na mudança do pensamento, formado ao longo do tempo, é preciso que haja forças externas, vindas como atratores, para não somente desacelerar o processo de colapso da humanidade, mas sim encontrar formas organizativas para a salvação do ambiente.

É na cooperação, onde todos trabalhem juntos, com o objetivo do bem estar da população, que será possível enxergar a natureza com outra percepção. Entender que as relações são como redes que se interligam entre si e que a Terra funciona como um sistema altamente interdependente, sendo a humanidade um elemento deste sistema e não o centro deste sistema.

Desta forma, na autonomia e na valorização de todos os povos, os quais não devem estar em lado nenhum da linha, pois esta linha é uma construção imperialista e colonizadora, e todos estão lado a lado, sendo preciso quebrar o paradigma de sociedades superiores. Aos quais deve-se dar visibilidade a figura feminina, pois somente em um ambiente onde há coletividade e a participação de todos que poderá ser pensado em uma educação que construa verdadeiros humanos.

Referências

- ACOSTA, Alberto. O Buen Vivir: uma oportunidade de imaginar outro mundo. In: Um Campeão Visto de Perto. Uma análise do modelo de desenvolvimento brasileiro. **Série Democracia**. Rio de Janeiro : Heinrich Böll Stiftung, 2012, p. 198 -216.
- BECK, Ulrich. **La sociedad del riesgo global**. 1999. Siglo XXI de España editores,S.A.: Madrid, 2002. Tradução: Jesús Alborés Rey.
- BRANCO, Samuel Murgel. **O meio ambiente em debate**. São Paulo: Moderna, 1988.
- CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**. Uma nova compreensão dos sistemas vivos.São Paulo: Cultrix, 1996. Tradução: EICHEMBERG, N.R.
- DI CIOMMO, Regina Célia. **Ecofeminismo e Educação Ambiental**. São Paulo: Ed Cone Sul, Ed UNIUBE, 1999.
- FIGUEIRÓ, Adriano Severo. A educação ambiental em tempos de globalização da natureza. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, v.6, p. 41-47, 2011.
- GASPARI, Leni Trentim. **Educação e Memória: Imagens Femininas nas “Gêmeas do Iguaçu” nos anos 40 e 50**. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2003.
- MAS HERRERA, M.J. **Desarrollo endógeno, cooperación y competencia**. 2005.
- MELO, Ligia Albuquerque de. Injustiças de Gênero: o trabalho da mulher na agricultura familiar. In: **XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais**. Disponível em: http://www.spm.gov.br/arquivos-diversos/.arquivos/integra_estudo_trabalho_mulher_agricola Acesso em: 20 jul. 2018
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm.O nascimento da tragédia, ou Helenismo e pessimismo. (1871) 2. reimpr. Tradução, notas e posfácio: J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal. Das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: **Novos Estudos**, CEBRAP, v. 79, p.71-94, nov.2007.

Submetido em: 23-09-2018.

Publicado em: 26-11-2018.